

O ROMANCE

■ Há um momento decisivo, ir-repetível, do nosso destino comum: é o ponto dramático da grande ruptura de 1974, quando o imprevisível se torna real, e a aceleração do tempo histórico passa a comandar-nos, marionetas cegas de uma peça que nunca sabemos se chegámos a representar.

É desse desconcerto, desse desajustamento entre o enredo e os actores que têm que lhe dar vida, que se faz o pós-25 de Abril. Porque depois disso, como diz Alexandra Alpha, «repetimo-nos em círculo fechado», e a história dos últimos dez anos é a da reconstituição de novos equilíbrios, através da redistribuição dos papéis que nos cabem na eterna comédia que a autoridade e o Poder vêm representando, numa sociedade onde uma coisa e a outra tinham deixado de existir, por um momento breve, anárquico, surreal.

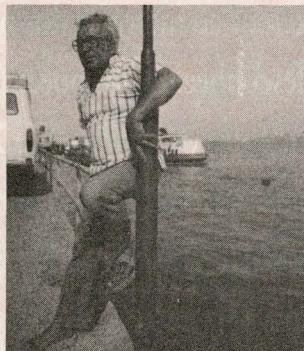
O que José Cardoso Pires faz, no seu último romance, é dar um rosto e uma memória aos que estiveram na rua em 25 de Abril. Ou, mais correctamente, aos que a lente microscópica do autor escolheu como figurantes privilegiados de um drama cujo desenlace se celebra no Largo do Carmo.

O que define estas personagens, surpreendidas antes, muito antes, de elas próprias serem apanhadas pela surpresa, é a sua radical impossibilidade de sonho, a pasmosa fatalidade que as une e desune, a apertadíssima geografia que as faz, a cada passo, tropeçar umas nas outras, atando-as e desatando-as numa trama de cumplidades, ambiguidades e frustrações, a sua maneira desolada de «inventar o país» que não existe.

Isto passa-se antes de Abril, e até na dimensão que a escrita deste tempo adquire na economia do romance se percebe que é da parte imersa do icebergue que o escritor fala: não é verdade que, depois de Abril, andámos todos à procura de perceber um sonho que não tínhamos sequer sonhado? Por isso, *Alexandra Alpha* abre e fecha sobre dois acidentes: o primeiro permite trazer à luz a personagem, de Alexandra Alpha, dando-lhe uma história, o segundo elimina-a, porque ela deixou de fazer sentido na História que o tempo novo vai cons-

truindo. E depois, as personagens de Cardoso Pires metamorfoseiam-se, mudam de máscara com quem muda de camisa, inventam o possível por medo de sonhar o que é inviável — mas é verdade que às vezes discutem o inacreditável, por receio do absurdo da realidade em que vivem.

A Villa Bertha é, no imaginário de Maria, apenas a antecipação do lugar onde Alexandra concretizará o seu desejo; o eternamente adiado projecto de Sophia Bonifrates desagua no faquirismo transcendentalista de Rama Siva, Amaral Silva de sua graça e «de-



▲ José Cardoso Pires

senrasca» de profissão; e o padre Miguel, como o poeta Ruy Belo, são ausências tutelares a alimentarem a fantasia de uma outra maneira de ser português. No mundo português administrado pelo salazarismo, sonha-se por procuração, e às vezes o sonho é um pesadelo recorrente, como o da mulher devoradora de Sebastião Opus Night, que o atrai às esquinas do seu desentendimento, de cada vez que o transmontano exilado se esquece de mergulhar no álcool para ver com nitidez a sua própria realidade.

O mundo delimitado pela mentalidade salazarista não vai muito longe. Talvez por isso, Cardoso Pires elege Lisboa como espaço de representação fulcral do seu

Notas críticas de

António Mega Ferreira (A.M.F.)

Carlos Câmara Leme (C.C.L.)

Clara Pinto Correia (C.P.C.)

Francisco José Viegas (F.J.V.)

J. M. Guardado Moreira (J.M.G.M.)

José Manuel Cortês (J.M.C.)

João de Melo (J.M.)

romance, porque a capital simboliza, no seu abúlico respirar diário, mês após mês, ano após ano, a adiada anunciação de um sobressalto, de um qualquer terramoto que lhe revolva as entranhas e lhe revele a sua cruel identidade. Lisboa é, em *Alexandra Alpha*, o país, porque o que não se passa em Lisboa também não se passa em mais parte nenhuma.

Neste romance tenso e desapeidado, onde a violência lateja em cada diálogo, traça-se o retrato de um tempo impossível, porventura inimaginável para as gerações que nasceram para a vida já no estor da guerra colonial, quando o regime vegetava, à imagem de Salazar, na pusilanimidade e na anomia. Mas para trás fica uma memória dolorosa, reconhecível em cada personagem, em cada situação, em cada réplica de *Alexandra Alpha*: um misto de desespero e cumplicidade, a partilha simulada de um tempo insuportável, que dói como uma saudade e como uma vergonha. *Alexandra Alpha* é o romance do remorso, do «remorso de todos nós», mas é-o na superior concepção da sua narrativa e na prodigiosa administração da escrita pela qual José Cardoso Pires se reafirma, mais ainda do que em qualquer das suas obras anteriores, como um dos mais profundos e excepcionais escritores contemporâneos.

Como ele gosta de dizer, a propósito da escrita de ficção, é como se o mundo de *Alexandra Alpha* nunca tivesse existido; e no entanto todos nós vivemos nele. Brevemente. Como num sonho. Como seres sonhados por dentro do sonho que não pudemos sonhar. (A. M. F.) □

José Cardoso Pires
Alexandra Alpha
Dom Quixote, Novembro 1987, 448 págs.,
1200\$00
Círculo de Leitores, Dezembro de 1987,
420 págs., 1080\$00